

Dyarley
Viana

Paulo Freire: por uma
pedagogia preta!

10 ANOS DE ESCOLA DE ATIVISMO
100 ANOS DE PAULO FREIRE

Dez
por
Cento



Dyarley
Viana

**Paulo Freire: por uma
pedagogia preta!**

Coleção Dez por Cento

Expediente

Esse conjunto de seis publicações chamada “DEZ POR CENTO” foi produzido pelo Núcleo de Educação, Invenções e Resistências - NEIr, da Escola de Ativismo.

Equipe Editorial

Alana Marquesini, Arthur Dantas Rocha,
Luísa Coelho, Luciana Ferreira da Silva,
Maria Teresa de Arruda Campos,
Mário Campagnani, Silvio Munari.

Identidade visual

Isabella Alves

Projeto gráfico e diagramação

Olivia Ferraz de Almeida

Transcrições

Ivan Rubens Dário Junior

Revisão

Arthur Dantas Rocha

Tiragem

500 exemplares

Editora

Pedro & João Editores

Escola de Ativismo

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292
9º andar. Cep 04004-030, Paraíso, São Paulo/SP

Email

contato@ativismo.org

Copyright © Dyarley Viana

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Dyarley Viana

Paulo Freire: por uma pedagogia preta! Coleção Dez por Cento.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 40p. 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0108-5 [Impresso]
978-65-265-0129-0 [Digital]

1. Paulo Freire. 2. Educação. 3. Educação popular. 4. Ativismo. I. Título.

CDD – 370

Capa: Olivia Ferraz de Almeida

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil);
Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil);
Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil);
Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil);
José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);
Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Em 2021 a Escola de Ativismo completou dez anos de vida.

Por uma feliz coincidência, este também foi o ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Paulo Freire. Para celebrar tal coincidência, a Escola de Ativismo promoveu a série de encontros chamada "Dez por Cento", convidando professoras e professores para pensar possíveis relações entre ativismo e educação.

Foram seis *lives*, que contaram com a participação de Romualdo Dias, Jorge Larrosa, Alessandra Munduruku, Madalena Freire, Silvio Gallo e Dyarley Vianna. Todas estas falas, disponíveis no canal do YouTube da Escola de Ativismo, foram transcritas, revisadas por suas autoras e seus autores, são agora publicadas em uma forma de livro, que você tem em suas mãos e diante de seus olhos.

Esta série de *lives* nos permitiu pensar diferentemente sobre as relações entre educação e ativismo. Ainda que Paulo Freire tenha sido o motor que dinamizou o processo, as companheiras e os companheiros trouxeram contribuições e perspectivas muito próprias. Com isso, pudemos ouvir um número elevado de referências, de práticas, de pensamentos que multiplicaram, e muito, as nossas referências, pensamentos e tem inspirado outras práticas. Os efeitos que produziram em nós podem ser lidos na sequência, no Manifesto Educação Popular Ativista.



Manifesto Educação Popular Ativista em permanente construção

A escola do Fora e o fora da Escola

Mundo é tempo
refletir não é ativar.

Nós afirmamos que meio ambiente é aqui e agora, é por inteiro e não pela metade.

Amor ao mundo é estudo e disciplina

é fora da escola, é escola do fora.

É guerreira por dentro, e estratégica por fora.

Aprendiz por dentro, educadora por fora.

Uma escola que se faz com e não para

Com a imagem do rio que ensina pela correnteza, sob força de arrasto, do sobe e desce piracema.

Mas

atuação sem parada não existe, é bom lembrar...

dar-se tempo!

Tempo para notar, que cada pessoa é um mestre, educador, educadora

Caminhamos lado a lado nos ensinando mutuamente, como um agogós

Educação que se dá pelo contágio dos corpos.

Educação mundo estudo reflexão tempo planejamento registro amor desejo
militância ativismos luta distância desaceleração paisagem ação direta cuidado
estratégia aprendizagem alteridade autogestão autonomia e tantas outras palavras
definem nosso modo de fazer educação e ativismos.

A escola do fora, o fora da escola.

Educar é ato de amar

Educador guerreiro?

Identidade para nos situar e não para nos situar.

Mangue - porção de rio com água salobra

ler o movimento das marés. Para quê?

Para surfar a melhor onda, pra entrar no momento certo, e agir!

Onde está a riqueza?

No mangue

na cachoeira

no estuário

no oceano

no rio

na floresta

nas pedras

no igarapé

no sertão

na areia

O progresso é caminhar em direção à origem

Paralizaremos os corpos se mutilarmos a natureza

Aniquilaremos os corpos se não frearmos a matança do clima.

Uma antena de wi-fi enterrada na lama ou navegando em uma canoa?

Warriors e todas as gangues

estão debaixo das árvores conosco.

Lousa-mesa se deslocando o tempo todo

no sobe e desce piracema

A Escola do fora, o fora da escola.

**Para assistir as lives
do DezporCento
acesse o QRCode**



<https://escoladeativismo.org.br/dezporcento-10-anos-de-escola-de-ativismo-100-anos-de-paulo-freire>



Dyarley Vianna

Hoje é quinta-feira, um dia de Oxóssi, então é um dia de caçada, é um dia de ir atrás das coisas que a gente quer. Um dia também de muita estratégia, é um dia de observar, de olhar as coisas, de esperar o tempo certo para se mover. É um dia

de pedir licença para caminhar, para entrar na mata, é um dia de flexibilidade e de silenciamento, é um dia de saber reconhecer qual é o alvo para atirar ali e ir em busca daquilo que você quer.

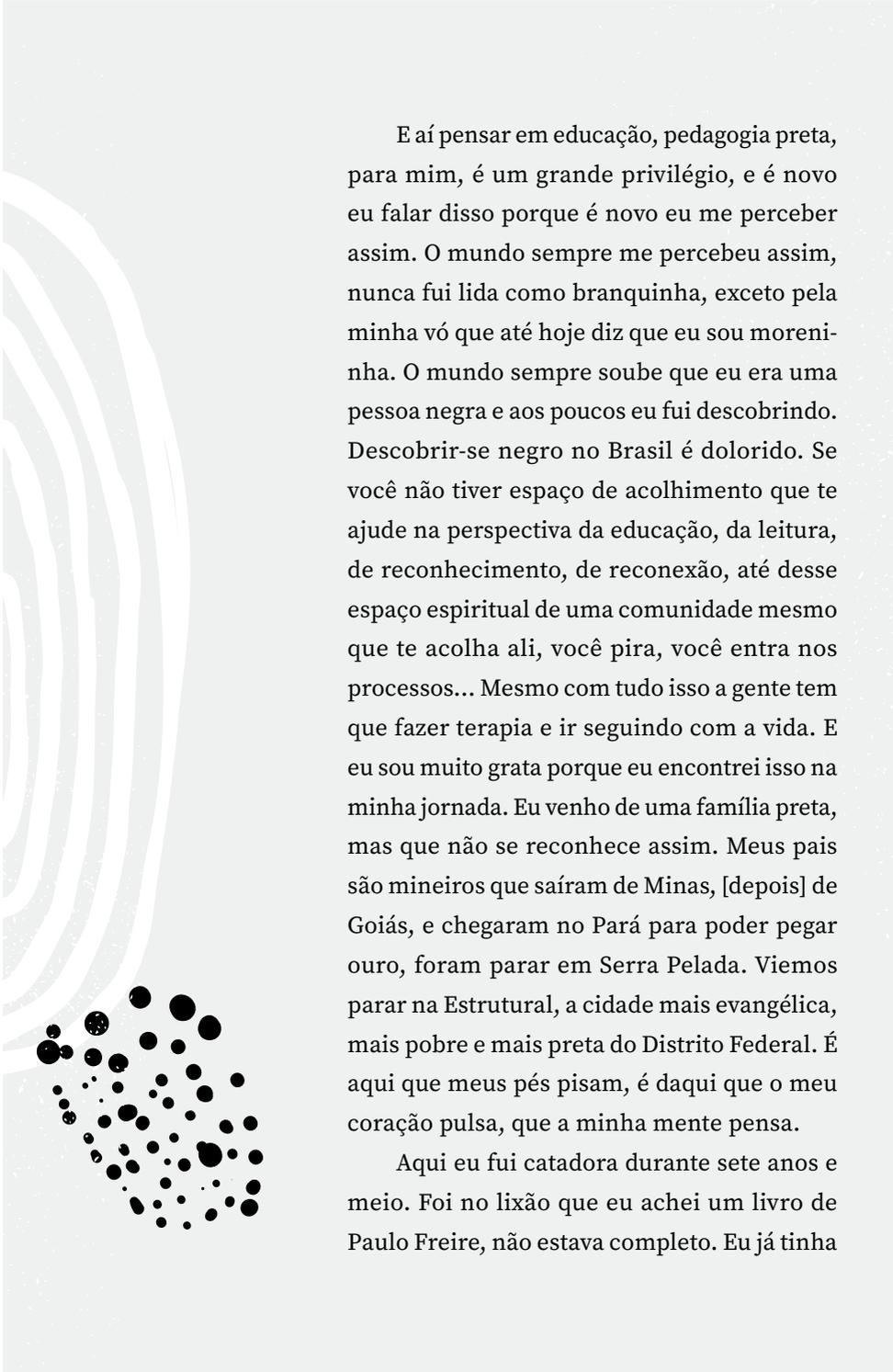
Eu entendo a educação como o caminho, a porta, a chave, a caneta, o pincel, a música, o tambor, a cor, o ritmo, a letrinha, o número, mas, acima de tudo, a aceitação das diferenças onde elas fazem total sentido. Porque se todo mundo pensa igual e é igual, o que é que tem pra aprender? Então eu

vejo a educação como esse chão de vida, de muitas possibilidades, de grande diversidade, e um respeito muito grande ao acolhimento, ao sabor que a vida oferece, e que a gente precisa de algumas condições garantidas para poder sentir o sabor da vida, para poder sentir o prazer da respiração, para poder ouvir o bater do coração. Eu sou uma educadora esperançosa, é isso que me move.

Luciana Ferreira

Dyarley é educadora, poeta e ativista por direitos humanos. Negra e periférica, se tece a cada dia como educadora popular. É assessora técnica lá do INESC¹ na área de juventudes, crianças e adolescentes, e também no direito à cidade, com um olhar bastante especial para as questões de racismo e de gênero. Nossa conversa aqui vai em direção a essa ideia de uma pedagogia preta inspirada no Paulo Freire.

1 Instituto de Estudos Socioeconômicos. Saber mais em <https://www.inesc.org.br/>



E aí pensar em educação, pedagogia preta, para mim, é um grande privilégio, e é novo eu falar disso porque é novo eu me perceber assim. O mundo sempre me percebeu assim, nunca fui lida como branquinha, exceto pela minha vó que até hoje diz que eu sou moreninha. O mundo sempre soube que eu era uma pessoa negra e aos poucos eu fui descobrindo. Descobrir-se negro no Brasil é dolorido. Se você não tiver espaço de acolhimento que te ajude na perspectiva da educação, da leitura, de reconhecimento, de reconexão, até desse espaço espiritual de uma comunidade mesmo que te acolha ali, você pira, você entra nos processos... Mesmo com tudo isso a gente tem que fazer terapia e ir seguindo com a vida. E eu sou muito grata porque eu encontrei isso na minha jornada. Eu venho de uma família preta, mas que não se reconhece assim. Meus pais são mineiros que saíram de Minas, [depois] de Goiás, e chegaram no Pará para poder pegar ouro, foram parar em Serra Pelada. Viemos parar na Estrutural, a cidade mais evangélica, mais pobre e mais preta do Distrito Federal. É aqui que meus pés pisam, é daqui que o meu coração pulsa, que a minha mente pensa.

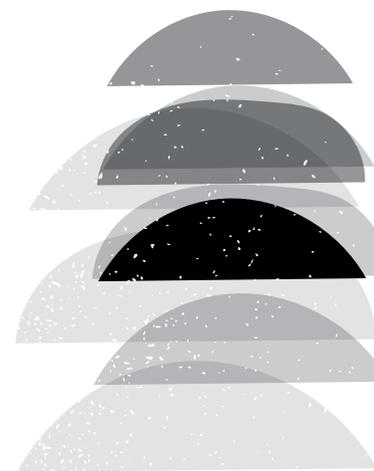
Aqui eu fui catadora durante sete anos e meio. Foi no lixão que eu achei um livro de Paulo Freire, não estava completo. Eu já tinha

visto pedagogas nas escolas, mas eu não sabia bem o papel da pedagoga. O livro *Pedagogia do oprimido* que não estava completo, mas o que li fez muito sentido. Tive dificuldade de interpretar alguns textos, algumas falas, eu já estava oito ou dez anos sem estudar. Eu lia a Bíblia. Então ler *Pedagogia do oprimido* foi um negócio assim... Eu sou cria do ProUni², tudo que eu tenho, tudo que eu vivo hoje é graças a esse programa, a essa política pública e sou muito grata. Eu sou a primeira da minha família a me graduar em Pedagogia, fiz Pedagogia pelo ProUni numa faculdade particular aqui numa cidade vizinha, Guará. Durante o dia eu trabalhava até três horas no lixão catando, eu catava durante o dia e estudava à noite. Às vezes não tinha ônibus, às vezes a gente voltava a pé, não tinha *lan house* na cidade onde eu morava, então os trabalhos eram feitos à mão.

Eu tive professores que me acolheram e me cuidaram, assim como eu tive professores que elaboraram falas do tipo “hoje em dia qualquer um consegue fazer uma faculdade”, ao descobrirem que eu era catadora. Mas a tudo isso eu sou muito grata e eu trago essa presença, essa história para nossa conversa. Não tem como eu falar de pedagogia preta sem apresentar para vocês a minha universidade na vida que foi o lixão. É a minha maior universidade na vida em todos os sentidos. Quando falo isso eu estou falando da relação com meu corpo, da relação com

2 O Programa Universidade Para Todos (Prouni) oferta bolsas de estudo, integrais e parciais (50% do valor da mensalidade do curso), em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas.

o meu intelecto, com a minha mente, com o meu espírito, com a minha alma, com meu feminino. O lixão mexeu e me apresentou e me trouxe elementos de reflexão para tudo isso. Foi no lixão que eu percebi curiosamente que a maioria das pessoas que catavam ali eram pretas, e que apesar da maioria das pessoas que estavam na catação serem mulheres, as pessoas sempre falavam: “os catadores”. Muito raramente se falava sobre as catadoras. As histórias eram bem parecidas: eram pessoas que não tinham concluído o ensino médio, por exemplo, que a violência doméstica era uma coisa que se dava assim... E que o corpo negro... Virava e mexia um de nós era atropelado por trator, era soterrado por um caminhão ou a gente encontrava alguém, virava notícia... Fechava portaria, dois dias, três dias, lá estava a gente. Não à toa esse ser humaninho paraense, pretinho, veio parar aqui no cerrado no coração do Brasil, na capital do país, morando a 15 km da Esplanada, trabalhando no maior lixão a céu aberto em funcionamento na América Latina naquela época. Catava então dos recursos que a capital planejada, sonhada por JK e Niemeyer...



Brasília é uma cidade que tem um alto custo de vida, os melhores salários, é uma cidade que prova quanto o racismo é estrutural. Ela foi pensada, foi planejada, mas ela não foi pensada nem planejada para acolher pessoas pretas. Não à toa a gente mora nas quebradas, o Plano Piloto não nos acolhe, as asas do Plano Piloto não cobrem um corpo preto. Os que estão lá lutaram muito ou têm uma rede muito forte porque, no mais, a população preta vê o pouso do avião, mas fica no cerrado, o que eu acho ótimo porque um avião realmente não nos comporta.

E eu percebi aonde acabava todo esse dinheiro e aonde acabava todo esse saber. Os maiores salários daqui são das pessoas que estudaram muito, passaram em concurso e hoje são servidores nos ministérios, ganham muito dinheiro, entram nos mercados, nas lojas, enchem os carrinhos, enchem os braços de bolsa, muita coisa... Ali está a cereja

do bolo... Anos e anos de estudo, de cursinho para poder passar, para ter um salário altíssimo, para entrar numa Zara da vida e comprar uma roupa cabulosa, usar uma vez e jogar no lixo. E isso vir parar na minha mão, eu catadora. Isso é a forma como a branquitude se organiza, essa é a pedagogia da branquitude: acumular, acumular, acumular, usar e jogar fora, descartar. Foi isso que fizeram inclusive conosco: nos sequestraram pra cá, trouxeram muitas pessoas negras, e, de repente, por pressão liberta (bem entre aspas) essas pessoas, agora vamos jogar fora, deixa elas aí a Deus dará. Mas o que é a pedagogia negra?

A pedagogia negra, preta, para mim que vivi e que aprendi, ela se revelou assim: está e estava no exercício de quatro horas da manhã, muitas mulheres negras levantarem, vestirem várias roupas, muitas roupas para não sujar inclusive as suas partes íntimas, era muito shorts, muitas calcinhas, muitas coisas, né, para não pegar uma infecção ou coisa assim. Amarrar um paninho e deixa só os olhos de fora, o que também é uma proteção para que quando a pessoa olhar no primeiro momento não reconheça que nós somos mulheres, é importante se misturar... E seguir, subir para o lixão e tirar da terra aquilo que um grupo abastado deixou para lá. Um grupo que tem muito, jogou. E gente que olhou para o lixo e viu nisso potencial para seguir vivendo. Esse é o movimento preto: gente que

tirava da terra algo que polui e que ficaria anos ali para se decompor, gente que foi descartada, que não entrou, que não passou na universidade ou coisa do tipo, mas que não desistiu de viver. E que viu no lixo a oportunidade de seguir respirando. E com isso também estava prestando um grande serviço. Foi ali que eu me entendi preta, e eu descobri porque é que eu estava ali, e que não era coincidência nós sermos a maioria. E ler Paulo Freire naquele momento me fez muito sentido. Na época eu estava na igreja, várias questões também de entender, mas também reconhecer que as igrejas na periferia fazem uma coisa que o Estado não faz, elas chegam, elas alcançam pessoas que o Estado não alcança. Eu tenho muitas críticas, mas eu não critico a minha vizinha que a essa hora, são 7h30, ela já tá no culto louvando o Senhor. Eu não a critico, eu reconheço a fé dela, eu sei que aquele é o espaço de terapia dela, de relação social, de apoio, de ter um espaço para chorar, para ficar calada, para ter um momento consigo mesmo, para dobrar o joelho com segurança. Então eu respeito demais as pessoas evangélicas que tem realmente um compromisso... Agora, eu não respeito em nada, em nada mesmo, quem usa essa fé para construir o Templo de Salomão no Brasil, não faz o menor sentido. Biblicamente falando, tem uma maldição para quem construir esse templo, mas isso é outro papo. Mas é essa fé presente na minha vida que me

apresentou a educação como o elemento mais poderoso que um ser humano pode vibrar. Eu sei que tem vários educadores ateus né, que têm essa crença de que não crê em nada. E tudo bem. Para mim, se você crê na educação já tá maravilhoso.

Para mim, ela é a grande encruzilhada. Se a gente tiver que pensar em palavras redentoras, para mim, é a educação. E acho que Freire traz isso, ele consegue traduzir esses elementos. Não consigo compreender no coração o porquê de tanto ódio e perseguição a essa figura. Ao mesmo tempo isso revela a desconexão que um ser humano pode ter ao atacar um pensamento tão libertador quanto esse. A quem interessa um formato de educação que não reconhece, que é centralizado num determinado pensamento, corpo, cor, sexo, comportamento, quem é que precisa disso? Quem é que precisa nutrir isso? Com certeza não é alguém que respeita, por exemplo, a minha manifestação de vida aqui enquanto uma mulher preta, que não vai respeitar os povos indígenas, tampouco vai respeitar uma mulher ou saber de uma criança e o acúmulo de um idoso. Então, para mim, ele foi um grande mestre, um xamã me apresentando um caminho.

Terminando o curso de Pedagogia, a minha segunda universidade foi o Coletivo da Cidade³. Procurem, conheçam

esse espaço. Lá é que eu senti as minhas raízes, um espaço encantador, com esse nome, gerido assim pelo coração das crianças. Lá, em vários momentos me vi na criança que se escondeu debaixo da mesa a primeira vez que a gente falou sobre consciência negra. Ela entrou em desespero porque não queria se ver enquanto pessoa preta, e ela: “Deus me livre de ser uma pessoa negra”, e ela entrou para debaixo da mesa e começou a chorar. Eu me vi naquela criança, eu entendi o que significava essa informação: eu sou negro. Ai meu Deus, eu sou negro, sim. E eu me vi nas inúmeras histórias de mães que nos procuravam por questões financeiras ou por violência doméstica, ou coisa do tipo. Me vi em várias perseguições que esse espaço tem até hoje por afirmar a identidade negra, a liberdade de expressão, a liberdade afetiva por acolher pessoas LGBT. Ali no Coletivo eu vi e vejo a pedagogia do oprimido, presente sempre, e a pedagogia preta florescendo, ele traz isso.

Entendi um pouco de como funcionava o governo, de como é que fazia para ter recurso, que tinha que ceder algumas coisas. Senti a pressão

3 Saiba mais em <http://www.coletivodacidade.org/>



de ser preto e afirmar que é negro numa cidade evangélica, o quanto isso é ameaça para algumas. Mas eu quero dizer que Jesus é tão negão quanto eu ou até mais. Jesus é preto! Eu sempre falo isso, 2021 não dá mais, pelo amor de todas as estrelas do céu... Vamos parar de mentir e vamos reconhecer por que que é tão importante para a gente clarear essa referência, essa divindade, no país que se diz cristão... Por que que é tão importante manter esse Jesus branco? Parem com isso!

Também dizer que Natal é todo dia. Todo dia tem uma Maria parindo um menino na periferia sem nenhum espaço, às vezes ela não consegue chegar no hospital. Todo dia tem um José procurando trabalho. Todo dia nasce um Jesus pretinho. Celebrar mesmo assim, manter essa energia que a gente agora se abre para isso, mas reconhecendo que tem que ter uma periferia... Aliás, Jesus era periférico, nada mais do que isso. No Coletivo eu vi e percebi, era um tempo também que eu estava estudando Teologia e que eu vi que vários elementos de negritude que a Bíblia trazia, mas que as pessoas não reconheciam porque não faz sentido, é perigoso que as pessoas negras que frequentam a Igreja reconheçam Jesus negão e queiram lutar pelos seus territórios. Vale muito a informação de que quando você morrer você vai ter lá no céu uma rua de ouro, uma casa de ouro, porque se você tem essa informação, tudo bem você

não ter esgoto na sua rua, tudo bem faltar energia para você toda vez que chove, tudo bem você não ter asfalto, tudo bem você morar num barraco, porque quando você morrer, no céu você vai ter rua de ouro. As contradições que pacificam. Jesus não tem nada disso, viu gente? Jesus fez um movimento contrário de tudo isso. Jesus não construiu templo, ele quebrou templo. Jesus ia pro meio do mato, acendia uma fogueira, andava com o pessoal, sabe o pessoal do movimento social que hoje ninguém quer andar ou a galera que mora na rua, os comunistas, era essa mais o menos a galera amiga de Jesus. Bem pedagogo, assim: é por aqui, por aqui caminha a humanidade.

E no Coletivo, algo fundamental foi o olhar das crianças, e por isso eu saudei. Eu saudei quando vocês evocaram os mestres, e por que eles acenderam no meu coração esse olhar de pedagoga que precisa esperar o caminho sempre. Nós recebemos no Coletivo, vários grupos interessados em fazer pesquisas, mapas da violência, o mapa da fome, vários mapas, inclusive da Universidade de Brasília. A pobreza é uma coisa, uma invenção humana, mas que as pessoas têm muita fascinação, elas querem muito saber, é o espetáculo da pobreza e da violência. Elas só não querem se colocar em cena para resolver, elas preferem dizer que são boas, que estão

chorando porque tem uma pessoa pedindo coisas, mas não querem se movimentar para que as pessoas não precisem mais pedir. Hipocrisia! Sobre isso, quem é cristão precisa se alinhar porque a única coisa que o Mestre disse foi isso aí.

Bem, nós fizemos uma assembleia e as crianças escolheram mapear nessa cidade periférica, pobre, os lugares para brincar. Nós, educadoras, nos perguntávamos: que lugares para brincar? De que cidade vocês estão falando? E nós fizemos esse mapa lindo e, num determinado momento, estávamos numa pracinha e elas dizendo: “aqui é um ótimo lugar para brincar, só que tem um brinquedo quebrado, esse brinquedo que pode machucar, mas é um ótimo lugar para brincar. Aqui quase não tem

área verde, agora que fizeram parque. E aí uma das crianças se lembrou que naquela praça há 2 anos atrás o irmão dela tinha sido morto. Eu abracei a criança, cabeça dela batia na minha barriga aqui, eu abracei a cabeça dela e olhei para cima segurando a lágrima para ela não ver. E aí ela olhou para mim e falou assim: “Tia, a senhora me dá um pincel e uma tinta? Eu quero uma tinta vermelha e preta porque ele era flamenguista. Quero também a tinta branca que é da paz. E aí eu vou escrever para ele. A senhora me ajuda a desenhar uma pomba?”

O que isso tem a ver com a pedagogia preta? Como todos esses símbolos, ideias, práticas se articulam nesta pedagogia?

Tem tudo a ver. Quando a gente caminha pelas nossas cidades e quando relembra das nossas trajetórias, é muito presente o luto. No meio dessa pandemia muita gente entrou em desespero (e não é para menos), porque era um luto todo mês, pessoas falecendo e tal. Mas quem é preto e periférico vive um luto toda semana. É muito raro a gente passar... Quem cresceu assim, a geração que cresceu comigo aqui na Estrutural, teve

períodos em que os cortejos dos nossos eram muito presentes. Então, o luto para nós não é novidade. É parte do nosso processo de educação, de resiliência, de residência, compreender o luto. Na medida em que a gente consegue saber e viver essa dor... E a criança tinha 9 anos e ela já tinha essa memória, e aí quando a gente periférico vivencia esse luto, a gente não vai tirar férias, viajar e conseguir um espaço terapêutico, um lugar de acolhimento, uma casa de amigos, não tem esse tempo. Deveria, mas não tem. Eu acho que o luto deve ser ritualizado, sim, mas na periferia não tem esse movimento, não consegue. E aquela criança lembrou do irmão e ela foi ofertar cores na cor do time que o irmão torcia, e ela trouxe uma pomba que ela entendeu que era coisa da paz. A pedagogia preta passa por esses caminhos, a gente reconhece o lugar das nossas mortes e sobre elas a gente desenha possibilidade de vida. Isso é parte da nossa cultura. A gente está sempre trazendo cores e novos elementos, e a gente não deixa de passar no caminho porque nos feriu. A gente se prepara para passar. Se tiver que revestir de cor, a gente vai fazer isso. Se a gente precisar passar silenciado, a gente vai fazer também, mas a gente vai passar e a gente vai seguir.

Do Coletivo eu cheguei no INESC, que é também a grande lição da vida. No INESC descobri que eu que fiz ProUní, que tive que catar para poder pagar metade dessa bolsa, pertencia ao grupo que financiava e pagava, por exemplo, as aulas da UnB pra galera branca fazer e vir na minha quebrada tirar sarro com a minha cara. Isso foi a coisa mais terapia assim para a vida – até hoje é uma questão. Quando eu cruzo, quando eu encontro, eu tenho que engolir a galera arrotar os seus mestrados, os seus doutorados na UnB, assim como se aquilo os colocassem acima. Eu não fiz porque eu estava catando, amor! Eu estava catando para poder sobreviver. Mas, do material que eu catava, eu pagava um pacote de arroz, e parte desse dinheiro desse pacote de arroz pagava o seu professor e a cadeira que você sentava na UnB. Então tenha mais respeito por mim e pelas minhas, especialmente pelas minhas: minha mãe, minha avó.

Quando eu chego no INESC, a primeira formação que eu participei tinha essa informação: as mulheres negras são as que mais trabalham, menos recebem e mais contribuem com a arrecadação de impostos. Isso significa dizer que a gente quem sustenta esse país, a gente que paga a formação dessa galera em Direito, a gente paga a formação do delegado que vai se formar e vai dar uma ordem para que o policial chegue na nossa quebrada, recebendo o salário do nosso recurso, com as balas pagas pelos nossos impostos, e mate nossos filhos. E não dá para dormir depois de uma informação dessa, você precisa ter um tempo de paz no coração. E eu fui entendendo que a coisa que pode nos unir e cuidar da nossa evolução enquanto sociedade, enquanto



humanidade, é empretecer o olhar e o sentir. A gente precisa enegrecer todas as narrativas, todas as disputas, todos os cursos (o de Economia, Filosofia, o que for) porque um mundo preto, uma narrativa, um olhar, um sentir preto, jamais vai validar uma estrutura de encarceramento, de morte, de silenciamento, de extermínio, porque nós vivemos isso e nós sabemos que nenhum ser humano merece passar por isso. Penso que a pedagogia preta está florescendo cada vez mais e, por isso, algumas pessoas tem resistência, mas não se trata da gente querer se colocar acima de qualquer outro grupo, muito pelo contrário: se trata da gente validar e reconhecer as nossas humanidades, se trata da gente mostrar as nossas belezas, o nosso potencial, a nossa intelectualidade que está para além dos números e dos instrumentos. Está bem para além disso... Se trata de reconhecer assim o tambor, o coração, de saudar mesmo e dizer assim: ser humaninho, se tem problema com o racismo, com as pessoas pretas, se você valida o racismo, não sei como é que você consegue viver no planeta e caminhar, e se nutre, e beber, e vestir de uma terra que é preta. Se tu tem problema, saia desse planeta porque a Terra é negra, a humanidade é negra, a origem da humanidade é em África.

24

O ponto é: será que a gente pode agora olhar para isso com urgência?



Penso que essa pedagogia demonstra que é para hoje! Não dá para esperar mais, é para já. Não se espera nenhum minuto para fazer as reflexões que a gente precisa fazer com relação ao racismo, e a entender que o racismo não é algo que atinge só a nós pessoas pretas. O Brasil é responsável pela morte de vários grupos indígenas. O Brasil age de forma

silenciosa. Não se trata de beneficiar para que pessoas pretas periféricas tenham mais liberdade de ocupar, ou de cultos, ou coisa assim, mas se trata, por exemplo, de preservar a natureza, a Amazônia, o cerrado, as terras indígenas, os rios. Se trata de preservar vidas e isso não se espera. Ou a gente compreende que o pacto da branquitude está nos matando enquanto humanidade e planeta, porque tem poluído os nossos rios, porque tem matado e queimado nossos animais, porque tem exterminado os nossos jovens, porque tem silenciado grandes mestres griôs, porque tem apagado culturas fenomenais... Tudo por um pensamento ocidental. Eu não consigo compreender qual é o fascínio das pessoas pelo Ocidente, por que as pessoas olham para os Estados Unidos e querem ser igual?

Eu estou terminando de ler esse livro que se chama *Enterrem meu coração na curva do rio*⁴, que conta a história dos índios norte-americanos. Não entendo! Qual é o sentido da gente olhar para um país que exterminou com os seus povos originários e a gente querer ser igual? Não faz o menor sentido... E a educação precisa fazer sentido. Ninguém se educa para ser algo porque você já é, nós já somos. Eu não vou estudar para ser, eu sou. Eu posso trazer outros elementos para me auxiliar no sentir porque sentindo, eu sou. Sentindo eu manifesto quem eu sou. Se faz sentir faz sentido, e se faz sentido é vida: você é, verdade. São coisas simples que a gente não precisa enfeitar o pavão, meu povo, o pavão já é enfeitado. A gente já sabe o que fazer: dá comida para quem tem fome, garante a água para todo mundo, preserva a floresta. Os saberes mais importantes, inclusive, não se tem registro nem escrita sobre eles, não é porque você escreve ou fala duas, três línguas, que você sabe mais do que a dona Nazaré que mora aqui do lado. Não existe saber maior ou menor, existem saberes que em algumas circunstâncias se fazem mais necessários aqui ou ali, mas nenhum é maior.

25

4 Dee Brown (romancista e historiador norte americano). *Enterrem meu coração na curva do rio: A dramática*



Parar de endeusar a branquitude e querer agir que nem branco, com esse pensamento branco. Eu tenho muitas pessoas amorosas, grandes mestres da minha vida que são pessoas brancas, eu preciso falar porque tem muitos amigos que me alertam: “do jeito que você fala parece que você odeia as pessoas brancas”. Não, eu amo, amo mesmo. Já houve caso, inclusive, de querer amar menos as pessoas brancas, mas eu estou falando de branquitude, eu estou falando de uma estrutura, estou falando de um comportamento, de um pensamento que deu origem ao capitalismo que se alimenta do racismo e do machismo, do sexismo, e que precisa acabar. Eu estou falando dessa urgência que é do nosso coração, que é do coração na terra que já não aguenta mais, assim como você também não aguenta mais. Essa pedagogia preta incorpora esses elementos de vida, é bem no movimento mesmo de Sankofa⁵, reconhecendo, olhando para trás e agradecendo, olhando para o tempo presente aqui e trazendo uma novidade no bico, na voz, na fala que é a despeito de quem estão aí, vocês sabem de quem eu estou falando. A gente vai seguir, a gente vai fazer uma história diferente porque ela já começou e não dá para parar isso.

É no mínimo imoral validar e aplaudir, e reproduzir pensamentos racistas, gordofóbicos, homofóbicos, sexistas. Será que a gente só pode receber as pessoas como elas são e compreender que cada uma delas é o mestre e que traz uma pedagogia completamente nova para você? Será

história dos índios norte-americanos. L&PM Editores, 2013.

5 Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”



que a gente pode olhar para as diferenças e dizer: “nossa, que massa, eu tenho muita oportunidade de aprender agora”. Parar de colocar as pessoas nas caixinhas.

Vamos pensar... Nós temos hoje um governante eleito em grande parte pelos evangélicos. Nós temos um pensamento de perseguir as pessoas pretas, mesmo aquelas que não são de religiões de matriz africana, mas que perseguem elas muito por causa dessa concepção de que orixá é diabo. Esse mesmo pensamento reflete na perseguição aos povos indígenas, aos quilombolas. É a ideia de um Deus manifestado na figura de um homem branco que justifica todas essas violências com os diferentes. A gente precisa refletir e discutir porque o ato de fé é também um ato político. A gente precisa observar e trazer essas conversas, porque 2022 está chegando e a gente precisa arrumar a casa. Vamos arrumar a casa!

Ter medo do poder preto ou da pedagogia preta, ou da presença de uma pessoa preta é ter medo da sua ancestralidade. É preciso entender que não são só pessoas pretas que têm sua ancestralidade, mas branco, roxo, amarelo, lilás, você tem, tudo é ancestral: o jeito como eu me sento aqui, essa cadeira aqui, o formato dessa cadeira aqui é ancestral, a roupa que estou usando é ancestral. Não é só na perspectiva espiritual como as pessoas colocam, mas ela perpassa, ela diz o que que a gente vai comer, como que a gente vai pensar, aonde a gente vai para se divertir, aonde a gente vai para chorar. Então é um convite: olhe para isso, se reconcilie com ela e vamos escrever, vamos empretecer as nossas relações.

Estão se preparando para final de ano, festinhas e tudo mais. Faça o teste: quantas pessoas pretas vão estar na sua ceia de Natal? Quantos

amigos pretos estão nas suas fotos postadas nas redes sociais viajando para os lugares fantásticos? Com quantas pessoas pretas você se relaciona? Não estou falando daquele que você pega escondido, não, estou falando do que você assume, que você diz tá junto. Tem a ver com a prática do nosso dia a dia, tem a ver com o reconhecimento da humanidade desse sujeito. E a gente não faz um enfrentamento, a gente não fala em luta antirracista nesse país sem primeiro reconhecer os donos dessa terra, como diz aquela música que antes do Brasil coroa existe o Brasil cocar. E a esse Brasil cocar se apresentou também o Brasil turbante, que ancora, que respeita e que denuncia, e que diz que é importante sim enegrecer as nossas relações, o nosso pensamento, a nossa educação.

Luciana Ferreira

Tem uma galera aqui agradecendo: Agnes, Amanda, Milena, dizendo da potência, da inspiração e da necessidade desta sua fala.

Eu estava lembrando de como que a gente se conheceu. Foi um susto danado, a gente fez uma conversa por esses aplicativos, uma entrevista que Silvio e eu fizemos contigo, e a gente se assustou porque você não veio sozinha para a conversa. E isso é que eu estou sentindo agora de novo, eu sinto que você fala com muitas vozes. É uma pegada, é uma presença, é uma força impressionante. Naquele dia, o Silvio e eu sentimos que você fala com esse tanto de gente, as crianças, os velhos, a ancestralidade, a espiritualidade, a galera que estava contigo no lixão, e traz todo esse povo que você vem encontrando ao longo desse tempo. Eu acho bonito quando você fala que vai se tecendo educadora porque é nesse movimento que você vai educando a gente.

Eu queria agradecer por esse tempo de alfabetização que você fez com a gente aqui na live, você letrou a gente. Não é por acaso que você foi convidada para fazer esse último papo, mas é porque você não faz isso sem imposição. Você, Dyarley, educa com a sua presença, é pelo corpo.

A primeira invocação que você fez aqui é, para mim, o jeito de educar mais brilhante, que é a invocação do corpo. Respira, sente o coração, pensa na vibração, entende que essa matéria que está aqui do outro lado, independente da distância, independente de quem é que está aqui desse lado, esse é o corpo. Quando você faz esse processo comigo, quando eu te conheço e sinto mesmo distante, é esse sensível que você invoca. Você é uma das minhas educadoras preferidas.

Paulo Freire falava que a gente aprende com os outros mediados pelo mundo. Olhando para o mundo, olhando para fora. E o quanto a educação bancária, branca, de branquitude, é centrada nela mesma. Conversar com você, olhar para você, sentir o que você traz me devolve o mundo e me parece que a gente quer o mundo, a gente precisa do mundo. Tem um trecho na *Pedagogia do oprimido* que eu acho o Paulo Freire “negrão”:

“A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.”⁶

Querida te ouvir um pouco mais sobre o mundo. E também gostaria que você fechasse o portal quando você fizer a sua fala, preparando nossos corpos pra encerrar essa live.

6 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 57ª edição, 2014. Página 94.

Dyarley Vianna

Pensar numa ideia de mundo agora, 9/12/2021, é sentir o mundo, é sentir a dor do mundo. E sentir a dor do mundo agora é sentir a saudade do mundo. Eu fico até com os países que não têm essa palavra saudade, como é que eles dizem? Esse é um sentimento novo no meu coração porque sempre que eu pensava o mundo, sou uma pessoa vestida por uma pele preta, o meu pensamento é preto porque é de onde vem. O maior órgão que tem no meu corpo é a minha pele e ela é preta, estou sempre sentindo, recebendo, trocando, mesmo inconscientemente eu estou fazendo isso. Então sentir, pensar, vislumbrar um mundo era desse lugar, com esse filtro, com essa melanina toda, então perpassava muito pelo anseio e desejo de liberdade dos meus ancestrais e dos que aqui comigo estão até hoje. E dessa liberdade que em 2021 ainda é a liberdade das correntes, que a gente denuncie, que a gente reconheça que ainda existe trabalho escravo nesse país e isso é uma vergonha ancestral. Eu passava por essas memórias, por esse anseio, numa saudade de cruzar o mar e alguma vez na vida pisar no outro continente e também receber notícias e ficar preocupada, sentir. Passava também por esse medo, a insegurança de ser mulher, de chegar no lugar sozinha, de comprar uma peça de carro e o cara tentar me passar para trás... Por essas coisas todas, passava por tudo isso. Agora eu recebo essa saudade do mundo, que todo mundo recebe, que todo mundo está vivendo, porque é o mundo em luto. Pensar esse mundo desse lugar, é impossível para mim pensar, refletir, intuir sem antes sentir. Eu sinto a saudade que o mundo sente. É doloroso, mas a dor é dessa falta, não dá para ficar nela para não virar sofrimento. Sofrimento é desnecessário. A

dor é um diagnóstico, o sofrimento é um apego. A gente tem um diagnóstico, está doendo, e o que que eu faço aqui para curar isso?

E aí eu sei que quando o mundo sente saudade, é a mesma saudade dos primeiros de nós, o primeiro de mim que aqui chegou cativo do outro lado do mundo, saudade de voltar para sua terra, de poder falar sua língua, de poder andar livre, de poder dançar, poder se relacionar. E que saudade tem uma coisa preciosa que a gente se esquece quando ela é muito grande e quando ela começa a doer: amor!

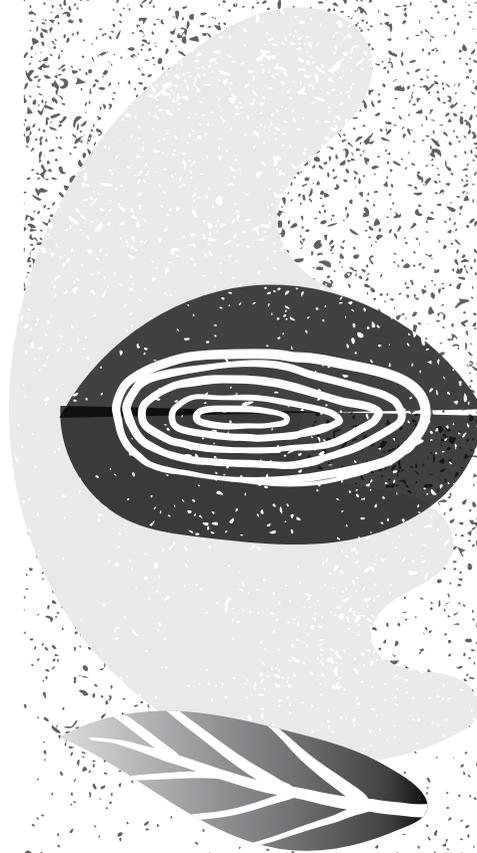
Eu penso que o mundo que Freire narra quando ele fala que não é impor, não é julgar, é acolher, é ver, observar, é trocar, para mim ele está falando de amor. Porque diante dessa energia, não há necessidade de parecer que sabe mais, não há disputa, há troca. Não é saber mais, é saber junto. Vamos investigar aqui junto, olhar: eu sabia A, você sabia B, quando a gente junta, olha que lindeza: avançamos.

Não estou falando desse amor romantizado do tipo que se vê em novela, isso é coisa para enganar a mente. Eu estou falando do amor que um sertanejo tem pela sua terra, mesmo que não chova ele está na labuta de quem ama aquilo ali, é parte da vida dele, da história dele, ele herdou do pai dele, ele lutou muito. Eu estou falando do amor que faz uma mãe com cinco

filhos conseguir a mágica de sobreviver com um salário mínimo. Uma mãe que sobrevive com um salário mínimo no Brasil, ela é uma deusa. E por falar em deusa, as deusas mesmo são essas mulheres: mulheres deusas.

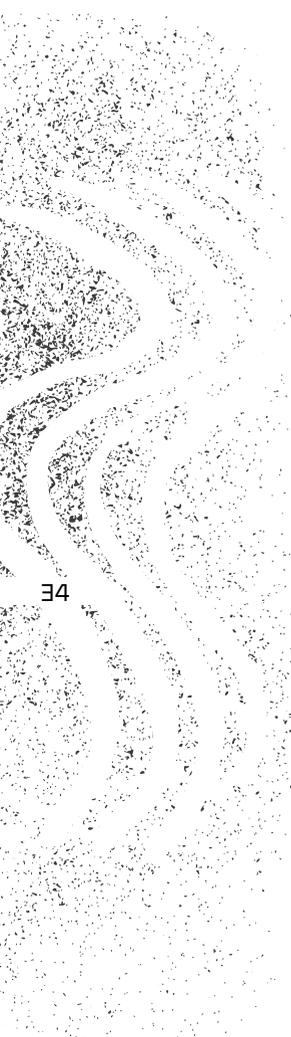
Quando eu olho para nossa Constituição, quando eu olho para as leis desse país, a Lei 10.639, quando eu olho para o ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente], eu vejo que esse mundo já foi sonhado. A gente não tá mais no tempo do sonho, nós estamos no tempo de materializar isso, e é por isso que tem tanto levante, tem tanta disputa, nunca se falou tanto e a gente se assusta com o que está nas redes sociais, as pessoas estão tirando a máscara, estão se revelando porque estão apavoradas. Não há como seguir sem a gente rever as nossas práticas, sem trazer amorosidade para o nosso contexto intelectual, para nossa política, para nossa organização de mundo, de preservação de vida, de continuação da humanidade. É para já, é essa a urgência. Penso que Freire foi alguém que trouxe... Ele observou como se comporta e como vive o povo preto, e ele sistematizou, ele botou isso na língua dos brancos, caso contrário os brancos não iriam ler. As pessoas não leram a Maria Carolina de Jesus. A gente precisava de um homem escrevendo para chegar. É estratégia – eu valido essa estratégia.

Eu vejo esse mundo onde cada pessoa é uma, esse universo, todo mundo na bendita da encruzilhada tendo que fazer as suas escolhas. Se você está aqui e você me ouviu, e de repente não faz o menor sentido para você e você acha que eu sou só uma comunista doida, tudo bem. Só que a partir de hoje você sabe, você não tá mais no tempo da



ignorância, você ouviu e pode refletir sobre isso, é tranquilo. Não dá mais para gente deixar passar, para achar que foi brincadeira, para achar que foi menos e não é para tanto. É questão de ser para condição de vida, é questão de semear possibilidades de vida, é parar de naturalizar a morte e o fim do mundo de alguém. É reconhecer que a gente já tem elementos culturais, que a gente já tem na nossa lei maior, a carta que rege o país, elementos para a gente incorporar isso. Educação não acontece só nas escolas, ela acontece o tempo todo, mas seria muito interessante que as escolas não tivessem muros, que elas tivessem mais árvores. Seria lindo que as escolas recebessem as avós para falar um pouquinho com os meninos como é que era e contassem as suas histórias, como diz a Conceição Evaristo: a escrivência das pessoas. Que a gente não deixasse de lado esses outros saberes. Eu venho de uma família que construía a própria casa, essa é a segunda casa que eu moro e a gente pagou alguém para construir, mas a minha mãe construía nossas casas junto com meu padrasto, com meus tios. Eu não sei construir nada, eu perdi isso. Então é reconciliar mesmo com isso.

Na nossa construção de um mundo agora a gente tem um aliado fortíssimo, o avanço da tecnologia. Vejam bem, a gente está aqui juntos proseando e que tal a gente usar essa rede para fazer uma coisa legal? E às vezes o legal é só cinco garrafas PET amarradas em dois barbante com o temperinho, manjericão e alecrim para eu botar na minha comida e fazer escaldas pés e um banho de ervas e dar para a vizinha. Às vezes é só isso, mas já é alguma coisa. Mover



o mundo é envolver e envolver é se importar. Então se você se importa, você é responsável de um lugar de poder. Aquilo que eu me importo eu tenho poder sobre isso, e aí o poder sobre o poder, poder disso sobre mim. Parar de ir na corrente e ir aqui no tambor [Dyarley toca no peito, na altura do coração], no seu coração. O mundo, esse mundo precisa desses elementos, a vida pode ser extremamente profissional e adulta, você pode ser um ótimo profissional, um adulto, um intelectual, o que você quiser. Pode ser, está permitido, mas se você não trouxe elementos de esperança, de poesia, de maestria, de encantamento, de decantar a sua presença, o momento que você está, você não vai dar conta da jornada, você vai enferrujar.

Essa dimensão desse território, a relação com esse território que é você, seu corpo, seu território, seu campo de investigação e de atuação e de incidência e de manifestação da vida, da sabedoria, da liberdade. É uma pedagogia que te liberta, ela diz isso para você: você é o tempo todo uma manifestação grandiosa, você é uma tecnologia perfeita, e todos os saberes te habitam. E você pode mudar o seu caminho, rever algumas práticas se você sentir no coração. Se permita sentir! Isso ainda é grátis, sentir, respirar. Aproveita. Traz esse ar para cá.

Aí na sua rede, se some. Com certeza tem alguém próximo a você que pode te acolher, para trazer a fala um

pouquinho mais sobre isso. Vamos falar um pouquinho mais sobre isso. No fim de semana que tal a gente conversar com um amigo sobre isso aqui? É ocupar a narrativa, trazer essa narrativa para os nossos espaços, conversar com os mais velhos e os mais novos da nossa casa: essa é a verdadeira rede. A rede social às vezes captura, mas esse pessoal que está convivendo com a gente é mais do que uma rede, é uma trilha para a vida. Então ter esse espaço de troca, escuta ativa, escutar o outro, escutar a si, escutar o mundo. Em cima disso trazer as suas palavras.

Se você pode tomar um golinho de água, faça isso! Faça com presença, saboreia água, sinta ela chegando dentro de você, você que é um oceano pois 70% de você é água. Acolhendo essa água. Respire profundamente. Se você puder trazer suas duas mãos aqui para próximo do seu umbigo, se puder botar um dedinho no seu umbigo. E aí a gente se lembra que a gente quase não presta atenção no umbigo.

Bem, tem um pensamento que eu aprendi, uma inspiração para a vida, pela cura de todas as nossas relações. Por esse motivo você tá fazendo um carinho no seu umbigo. É que o seu umbigo, é dele que vem a raiz, a sua primeira raiz, você estava conectado por meio dele na sua mãe, que esteve conectada na sua avó, na sua bisavó, tataravó, e as primeiras de você que foi parindo até chegar em você. Pensa numa conexão grande, é essa conexão, é esse fio. Tudo aí no seu umbigo que às vezes você esquece que tem. Então por isso você está fazendo esse carinho e está saudando as suas relações.

A educação é o tempo todo algo ancestral. Veja bem, as pessoas entram na sala para ler em pesquisas de gente que nem tão aqui mais. Eu acho

que isso é um pouco ancestral. Memória, escrita, e algumas coisas não são escritas nos livros, mas estão escritas no nosso sotaque que a gente herdou da mãe e do pai, do jeito como a gente senta, olha, nas comidas que a gente gosta, que a nossa avó gostava, no jeito que a gente faz uma coisa e aí de repente a nossa mãe fala: nossa é igualzinho seu avô! Isso também é ancestralidade. No andar, no tom de voz, na semelhança. Então a gente faz parte de tudo isso, dessa grande teia. E a educação é isso: a mãe que ensina o filho a falar, isso é extremamente ancestral. A professora que ensina as músicas da ciranda e tudo mais, é ancestral. Educação e ancestralidade não são separadas. No Brasil, a gente precisa evocar essa cura das relações porque saber da história do Brasil é uma dor, mas é possível curar essa dor. A gente precisa de política para isso, de dinheiro, de ações, mas é possível. Não só oração, não só reza.

Nesse sentido, uma última palavra que é africana: ubuntu. Eu sou o que sou pelo que nós somos.

Então eu vou pedir que, fazendo carinho no seu umbigo, você vai sentindo aí as mães que te geraram porque eu acredito fielmente que a educação, se ela tiver um corpo e um sexo, um gênero, ela é uma mulher com certeza. Você vai sentindo essa energia, mas você também vai ancorando a energia dos homens mesmo, do masculino, e se equilibra. Da Educação: educ mente e ção de ação. A mente pensando na ação e fazendo. Respire. Se você pode, feche os olhos. Traga de volta todos aqueles mestres que a gente chamou, eles estão aqui. E diga para a sua mãe, seus pais, seus tios, todo mundo que te ensinou a soltar pipa, quem te ensinou a pular amarelinha, às crianças, aos mais velhos, aos líderes religiosos e comunitários, autores, atrizes, aos vizinhos, ao padeiro, ao motorista do ônibus, diga que você é o que você é porque você é junto com eles. Diga para cada uma dessas manifestações de vida: eu sou o que sou pelo que nós somos. Respire. Pode liberar o umbiguinho, libere também a respiração. Se você fechou os olhos, peço que abra

os olhos agora. O que você é é a somatória de muita esperança e de muito investimento. E que o tempo todo, desde aquela buzina que você recebeu no trânsito, aquela repreensão porque você esqueceu a máscara, aquele professor que não te deu cinco décimos, em tudo isso a educação esteve ali presente. Ela está em tudo, ela é viva, é uma consciência múltipla e diversa, amorosa o tempo todo. Reconcilie-se com ela, e não permita que alguém a menospreze ou a silencie. Do jeito que é, como você é, ela te habita e ela te tece com confiança e com respeito à sua história.

É isso que nos liberta. E é isso que nós somos.

Eu agradeço imensamente.

Boa noite.







**ESC
OLA
DE A
TIVI
SMO**

.org.br

ISBN 978-65-265-0108-5



9 786526 501085 >